

Jazz
19 Maio '09

Paul Bley Solo

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Ter 19 de Maio
Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h00 · M12

A revisão da matéria dada

O propósito de dar um concerto deveria ser o de ficar a saber, no final, alguma coisa que não sabia antes dele começar.
Paul Bley, in *The New York Times*,
10.04.04

Se os caros leitores destas breves linhas não se importam, permitam-me que formule candidamente, em voz alta, uma questão algo intrigante surgida antes de me lançar à sua escrita: independentemente de se tratar de personalidades que, todas elas, têm com maior ou menor peso tudo a ver com o jazz, o que será que, esteticamente, ligará entre si Roland Kirk e Lee Konitz, Red Mitchell e Mario Pavone, Evan Parker e Jackie McLean, Lennie Tristano e Art Blakey, Carla Bley e Annette Peacock, Adam Nussbaum e Sunny Murray, Ben Webster e John Surman, Chet Baker e Donald Byrd, Barre Phillips e Scott LaFaro, Roy Eldridge e Don Ellis, Roswell Rudd e Jean-Luc Ponty?

A primeira vista, parece que a resposta imediata que poderia subir à mente de um amador de jazz apressado seria... “quase nada”! E no entanto, pensando um pouco melhor e considerando, por exemplo, que o imponente músico que dentro em breve vai entrar em palco tocou ou gravou, ao longo de mais de cinco décadas, com todas aquelas personagens mais ou menos importantes, às quais se poderiam acrescentar outras tantas dezenas de pares alegadamente díspares, mas à sua maneira incontornáveis, julgo que a resposta só poderá ser... “quase tudo!”

De facto, é este aparentemente contraditório “quase tudo” – só assimilável pelos grandes criadores de espírito aberto – que constitui a decifragem do elo de ligação (imperceptível ao comum dos mortais) entre as multifacetadas etapas de um percurso musical feito de transições e saltos bruscos, quando não de avanços e recuos, e portanto ajuda a explicar o mistério de como Paul Bley pôde estar na “crista da onda” do processo musical jazzístico, como testemunha e protagonista maior de todas as transformações reformistas ou revolucionárias que o jazz conheceu desde que, em 1949, apenas com 17 anos, substituiu Oscar Peterson como pianista residente do Alberta Lounge (em Montreal) quando este foi descoberto por Norman Granz para o levar para o Jazz at The Philharmonic.

Pianista polivalente, músico de cultura a toda a prova, compositor exigente e experimentador sobressaltado, Paul Bley, canadiano de nascimento, fez a maior parte da sua carreira nos EUA para onde se transferiu em 1950 no sentido de fazer a sua formação musical na Julliard School of Music (Nova Iorque), logo entrando de rompante no circuito dos clubes da grande metrópole onde na sua labuta diária levava à prática a teoria bebida no meio académico, expressando-se com inteiro à vontade na linguagem do *bebop*, então reinante, ao mesmo tempo que dava umas saltadas ao estúdio de Lennie Tristano, que não deixava de lhe abrir e alimentar outro tipo de ideias.

Não esqueçamos, entretanto, que o mesmo aluno da Julliard está documentado nas discografias como tendo gravado para a TV canadiana (no quadro

do “Montreal Jazz Workshop”, que dinamizou com Brew Moore (1950) ou com Charlie Parker (1953), ao mesmo tempo que, já em Nova Iorque, no mesmo ano de 1953, apenas com 21 anos de idade, registava o seu primeiro álbum como líder (!) ao lado de Art Blakey e Charles Mingus, na editora Debut que este criara. Sendo que, um mês antes, para a mesma editora, já tinha sido convocado pelo próprio Mingus para integrar o octeto deste, na função de “directão musical”. São as crónicas que o rezam!

É assim com a maior das naturalidades que não estranhámos vê-lo, cinco anos depois, liderando uma outra gravação raríssima – *The Fabulous Paul Bley Quintet* – com o grupo que então dirigia no Hillcrest Club de Los Angeles, para onde entretanto se mudara, e no qual participavam nada menos que Ornette Coleman, Don Cherry, Charlie Haden e Billy Higgins! Isto dois meses antes de o mesmo Ornette e seus companheiros de quarteto revolucionarem a cena do jazz (que ainda não reparara no seu anterior *Something Else!*) com o álbum-chave *Tomorrow is the Question!*

Aliás, se quisermos aflorar em diagonal apenas algumas etapas desse percurso inicial de Paul Bley, como *sideman* ou como líder, encontramos-o integrado com outras luminárias no octeto de George Russell no decisivo *Jazz in the Space Age* (Dezembro, 1959); participando de parte inteira no excepcional trio de Jimmy Giuffrè em vários álbuns importantes gravados nos EUA e em digressões pela Europa em 1961 e 1962; embrenhado nas célebres batalhas de tenores entre Sonny Rollins e Coleman Hawkins travadas em 7 de Julho de 1963 no Festival de Jazz de

Newport ou uma semana mais tarde durante a gravação de estúdio do explosivo *Sonny Meets Hawk!*; à frente dos seus vários trios de piano em *Footlose* (1962) ou *With Gary Peacock* (1963), liderando futuros solistas de Sun Ra em álbuns fundamentais como *Turning Point* com John Gilmore ou *Barrage* com Marshall Allen e Dewey Johnson (ambos de 1964); aventurando-se pelo mundo da vanguarda na cooperativa *Jazz Composer's Guild* (1964); ensaiando as primeiras experiências electrónicas com o sintetizador *Moog* em 1969 e 1970; ou gravando o seu primeiro grande álbum em solo absoluto para a ECM, em *Open, To Love* (Setembro, 1972), um chegado e absoluto rival de *Facing You*, de Keith Jarrett (Novembro, 1971). Isto, no curto espaço de doze anos!

Mas as muito diferentes situações de criação e cooperação musical que depois se seguiriam até aos nossos dias, constituem sem dúvida um ulterior e inevitável aprofundamento da multifacetada personalidade do pianista, já plasmada na multiplicidade destes títulos, transformando-o, de facto, num músico de excepção. Perceber-se-á, então, que acerca de Paul Bley se costume dizer que – com a possível excepção de um Miles Davis – ele foi dos poucos músicos de jazz que sempre estiveram na primeira fila das grandes mudanças qualitativas do jazz, permitindo-lhe a sua inteligência e sensibilidade estética integrar acontecimentos musicais de teor e significado muito diverso.

Com profundos conhecimentos da harmonia, que lhe permitem as mais inesperadas derivas por surpreendentes centros tonais, cultivando a qualidade do som em alto grau e o lirismo

melódico como ninguém, desafiando em permanência as métricas regulares, Paul Bley é excepcionalmente dotado do ponto de vista técnico, tratando o piano como uma orquestra, ao percutir o teclado em acordes que faz ressoar com fragor ou ao sopesar com extrema delicadeza cada uma das notas que emite, parecendo privilegiar nas suas actuações a solo não apenas versões sublimes das peças mais conhecidas como mergulhar a fundo no mundo da *composição espontânea* - expressão que lhe calha o melhor do que *improvisação livre* – já que a sua música é constantemente percorrida por um muito amplo e sempre maleável sentido da forma, até mesmo quando gosta de insistir (explorando-a e transformando-a de vários modos) numa determinada frase que lhe surge à flor dos dedos.

Quicá hoje menos vigoroso em termos físicos mas sempre lúcido e brilhante nas ideias musicais que de forma impetuosa afloram à sua mente criativa, Paul Bley é, ainda e sempre, o grande mestre que nos conduzirá esta noite pelos caminhos do desconhecido, seguindo este princípio que parece nunca abandonar: o de procurar dar-nos a descobrir, no preciso momento das suas próprias buscas, algo que jamais imagináramos existir antes de a música começar a soar.

Manuel Jorge Veloso
blog *O Sítio do Jazz*

Paul Bley

Desde que Bley, que nasceu em Montreal e há longo tempo reside nos EUA, iniciou a sua carreira nos anos 1950 com Mingus e Blakey, que trabalhou, mais que qualquer outro, exceção feita a Miles, com músicos de primeiro plano e com as mais diversas e originais concepções musicais...

H. Mandel, *Downbeat*, Abril de 1995

Paul Bley nasceu em Montreal, Canadá, em 10 de Novembro 1932. Com cinco anos de idade dava recitais de violino. Aos sete anos estudava piano. Passou por numerosos professores de música clássica - incluindo um professor francês que o obrigava a tocar equilibrando nas costas das mãos copos com água. Com 11 anos terminou o Conservatório de McGill. Com 13 anos formou uma banda com que tocava em clubes e em hotéis no Verão nas Laurentian Mountains. Quatro anos depois substituiu o seu compatriota Oscar Peterson no Alberta Lounge, um clube em Montreal onde Peterson tocava regularmente. Bley fundou o Montreal Jazz Workshop e trouxe Charlie Parker, Sonny Rollins, Brew Moore e Alan Eagar a Montreal para tocar com eles.

Em 1950 foi viver para Nova Iorque. Estudou na Julliard School of Music de 1950 a 1954. Tinha uma banda com Jackie McLean, Donald Byrd, Arthur Taylor, Doug Watkins. Nessa altura fez digressões com Lester Young, Ben Webster, Roy Eldridge e Bill Harris. Era visita frequente nas famosas sessões de sábado à noite no estúdio de Lennie Tristano. Foi presidente da Associated

Jazz Societies of New York em 1952 o que levou Charles Mingus a contratá-lo para dirigir a sua banda. Mingus e Art Blakey participaram no primeiro álbum de Bley, editado em 1953 pela Debut Records, fundada por Mingus.

Em 1957 Bley foi para a Califórnia onde tocou, entre outros, com Ornette Coleman, Don Cherry, Charlie Haden, Billy Higgins, Bobby Hutchinson, Scott LaFaro, Lawrence Marable e Dave Pike. Em 1959 voltou para Nova Iorque onde trabalhou com Roland Kirk, Oliver Nelson e Jimmy Giuffre no clube Five Spot Cafe (um famoso clube de jazz que começou por ser conhecido por aí ter tocado, em 1950, Thelonious Monk com John Coltrane, Wilbur Ware e Shadow Wilson e por onde passaram grandes nomes da história do jazz como Ornette Coleman e o seu quarteto com Don Cherry, Charlie Haden e Billy Higgins). Este grupo evoluiu para o trio de Jimmy Giuffre, com Bley e Steve Swallow. Com ele veio Bley à Europa pela primeira vez em 1961. O trio gravou para a Verve e a CBS.

Em 1963 Bley e Herbie Hancock foram convidados a tocar com as bandas de Miles Davis e Sonny Rollins que estavam a apresentar um programa duplo às segundas-feiras à noite no Birdland (outro célebre clube nova-iorquino). Aos dois pianistas foram oferecidos os dois trabalhos. Hancock deixou que fosse Bley a escolher em primeiro lugar. Paul escolheu juntar-se ao quarteto de Rollins durante um ano, para gravar e fazer uma digressão ao Japão. O trio que Bley liderou com Gary Peacock e Paul Motion nos anos de 1960, tornou-se um "padrão" com o qual outros trios foram comparados.

Em 1964 Bill Dixon convidou Bley para se tornar membro da Jazz Composer's Guild, de que faziam parte Archie Shepp, Sonny Rollins, John Tchicai, Roswell Rudd, Carla Bley, Mike Mantle, Cecil Taylor e Burton Greene (a Jazz Composers Guild foi uma organização de Bill Dixon que promovia uma série de concertos em Nova Iorque conhecida como "A Revolução de Outubro do Jazz"). Em 1968 Bley trabalhava com sintetizadores áudio. Deu o primeiro concerto ao vivo da história com sintetizador, no Philharmonic Hall de Nova Iorque. Gravou vários álbuns utilizando o sintetizador ARP 2500.

Em 1972 Paul gravou o seu primeiro disco a solo, para a ECM. Em 1973 conheceu a artista vídeo Carol Goss e os dois criaram a editora de música e vídeo arte Improvising Artists Inc. (IAI). Em 1975, a *Billboard Magazine*, num artigo com chamada na primeira página, afirmou que a IAI foi a primeira a criar "music video" através das gravações e actuações ao vivo que promoveu e em que juntou músicos de jazz com artistas de vídeo.

Bley continuou o seu trabalho com quartetos eléctricos. Em 1974 a IAI trouxe Jaco Pastorius para Nova Iorque para gravar o seu álbum de estreia. Misteriosamente essas sessões também produziram a gravação de estreia de Pat Metheny. Embora Metheny nunca tenha sido contratado para tocar com a banda, participou numa sessão anterior à gravação e acabou por tocar com o quarteto de Bley que incluía igualmente o baterista Bruce Ditmas.

Bley participou em cerca de 100 CD's. Entre os músicos com quem gravou incluem-se: Ben Webster, Lester Young, Charlie Parker, Sonny Rollins,

Jimmy Giuffre, John Scofield, John Abercrombie, Bill Frisell, Chet Baker, Bill Connors, Steve Swallow, Gary Peacock, Jaco Pastorius, Pat Metheny, Red Mitchell, Marc Johnson, Niels-Henning Ørsted Pedersen, Arild Andersen, Kent Carter, Barre Phillips, Paul Motion, Barry Altschul, Han Bennink, Billy Hart, Tony Oxley, Bruce Ditmas, Cecil McBee, Gary Burton, Marion Brown, Jane Bunnett, Hans Koch, John Surman, John Gilmore, Evan Parker, Lee Konitz, Sam Rivers, Herbie Spanier e Bill Evans.

Em 1994 a revista *Downbeat* atribuiu 5 estrelas ao álbum a solo com sintetizador que Paul gravou para a Postcards Records e fez digressões com Giuffre e Swallow. Bley tocou a solo, em duos e em trios na Europa, Japão e América do Norte.

Em 1998 a American Physical Society contactou Bley e perguntou-lhe se podia publicar a sua fotografia no Century of Physics Time Line Wall Char e respectivo web site. Disseram que era o único músico a ser incluído junto de cem Prémios Nobel da Física, pelo seu trabalho inovador na adaptação do sintetizador áudio para a primeira apresentação ao vivo, em 26 de Dezembro de 1969, no Philharmonic Hall.

Uma discografia exaustiva, com cerca de 220 páginas, das gravações editadas e não editadas de Bley elaborada por Henk Gluck está disponível em www.improvart.com/bley/discogra.htm.

Em 1998 um programa de televisão biográfico sobre Bley foi produzido pelas televisões BRAVO! e ARTE e um livro autobiográfico, com o título *Stopping Time: Paul Bley and the Transformation of Jazz*, foi publicado no Outono de 1999 pela editora Vehicle Press.

Ultimamente Bley tem vindo a tocar concertos a solo. É uma área que domina com uma mestria que o distingue da maior parte dos outros pianistas de jazz. A intensidade e o brilhantismo da sua música é difícil de descrever - está sempre a evoluir à nossa frente.

Traduzido de www.improvart.com/bley/bleybio.htm, com alguns acrescentos

PANOS

palcos novos palavras novas



Cinema Sex 22 a Dom 24 Maio
Palco do Grande Auditório
e Pequeno Auditório · M12

CORO DOS MAUS ALUNOS de Tiago Rodrigues

Sex 22 Maio · 18h30 · Peq. Auditório
Escola de Teatro da Companhia de
Teatro Municipal Arteviva – Turma de
Continuidade (Barreiro)

Sáb 23 Maio · 18h30 · Palco do GA
Turma do 9ºB e Clube de Teatro da EB
2,3 El Rei D. Manuel I (Alcochete)

NÓS NUMA CORDA de Miguel Castro Caldas

Sex 22 Maio · 22h00 · Palco do GA
Fazigal do Agrupamento Vertical de
Escolas de Avis

Dom 24 Maio · 15h30 · Peq. Auditório
Grupo de Teatro Persona da EB 2,3/S
de Moimenta da Beira

REFUGA de Abi Morgan

Sáb 23 Maio · 22h00 · Palco do GA
Na Xina Lua da ES Tondela

Dom 24 Maio · 18h30 · Palco do GA
Alunos do projecto Classes de Teatro
d'O Teatrão (Coimbra)

PANO PARA MANGAS
conversa com os autores e os grupos
Sáb 23 Maio · 15h30 · Peq. Auditório

Os portadores de bilhete para o espectáculo
têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Carmo Rolo

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Filipa Ferro estagiária

Patrícia Paixão estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Direção Técnica

Eugénio Sena

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção de Arte

da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Valter Manhoso

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
